

LISBOA
ROMANA FELICITAS IULIA OLISIPO

A morte no ager *olisiponensis*

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES
Coordenação Científica



Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

João Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Carlos Moura-Carvalho

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
António Marques – CAL / DPC / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Ld.º; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal

de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (E.M.)); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parqueamentos, S.A.; Empatia - Arqueologia Ld.º; Eon – Indústrias Criativas Ld.º; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era - Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark / Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau | Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica - Arqueologia e Património Ld.º; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade

de Serviços Financeiros e Investimentos Ld.º; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior / Instituto Universitário Egas Moniz / Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro – Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*: A morte no *ager olisiponensis*.

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Guilherme Cardoso – CAL / CDP / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Alexandre Gonçalves
César Oliveira
Cézer Santos
Cristina Nozes
Daniel Fernandes
Fernando Robles Henriques
Filipe Franco
Florbel Estêvão
Gisela Encarnação
Guilherme Cardoso
Isabel Luna
João Luís Cardoso
Jorge Raposo
José Luís Monteiro
Liliana Matias de Carvalho
Luísa Batalha
Nathalie Antunes-Ferreira
Noé Conejo Delgado
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Raquel Granja
Ron Pinhasi

Vanessa Dias
Vera Cardoso
Yuliet Quintino Arias

REVISÃO DE TEXTOS

Cristina Nozes
Vasco Leitão

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

IMAGEM DA CAPA

Pormenor da planta da necrópole de Miroiço, Manique. Levantamento topográfico de José António de Oliveira.

ISBN

978-989-658-663-8

DATA DE EDIÇÃO

Março 2022

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1500 exemplares

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK

<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER

twitter.com/LisboaRomana

Sumário

7	Apresentação	70	O rito funerário durante a Época Romana e a Antiguidade Tardia na área de Sintra
8	Nota Introdutória		ALEXANDRE GONÇALVES
10	Considerações prévias	83	A Necrópole Romana do Alto do Cidreira no Baixo-Império
	GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES		GUILHERME CARDOSO NUNO NETO PAULO REBELO LUÍSA BATALHA RAQUEL GRANJA
13	A morte no <i>Ager Olisiponensis</i>	102	Uma sepultura da Antiguidade Tardia, no Casal do Clérigo, concelho de Cascais
	GUILHERME CARDOSO CRISTINA NOZES		NATHALIE ANTUNES-FERREIRA VERA CARDOSO
20	Espaços e práticas funerárias em Torres Vedras: da Idade do Ferro ao despontar da Idade Média	106	As necrópoles da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras
	ISABEL LUNA GUILHERME CARDOSO		GUILHERME CARDOSO JOÃO LUÍS CARDOSO
30	Mausoléu Romano da Quinta da Romeira de Baixo - Loures	118	O Mundo Funerário Romano na Margem Sul do Estuário do Tejo: historiografia e resultados
	FLORBELA ESTÊVÃO		JOSÉ LUÍS MONTEIRO FERNANDO ROBLES HENRIQUES JORGE RAPOSO CÉZER SANTOS
36	Necrópoles Romanas e da Antiguidade Tardia na Amadora	130	Referências
	VANESSA DIAS GISELA ENCARNAÇÃO	141	Lista de Autores
45	Os elementos decorativos recuperados na escavação de um edifício na Serra de Carnaxide - Via F (Amadora): contributo para o estudo da Época Visigótica no espaço rural de <i>Olysipona</i> (Lisboa)		
	VANESSA DIAS GISELA ENCARNAÇÃO		
56	“Dar Rosto à <i>Villa</i>” – projeto de aproximação facial em torno de um esqueleto da Necrópole Romana do Moinho do Castelinho (Amadora, Portugal)		
	VANESSA DIAS GISELA ENCARNAÇÃO FILIPE FRANCO LILIANA MATIAS DE CARVALHO RON PINHASI DANIEL FERNANDES YULIET QUINTINO ARIAS NOÉ CONEJO DELGADO CÉSAR OLIVEIRA		



“Dar Rosto à Villa”

Projeto de aproximação facial em torno de um esqueleto da Necrópole Romana do Moinho do Castelinho (Amadora, Portugal)

VANESSA DIAS
GISELA ENCARNAÇÃO
FILIPE FRANCO
LILIANA MATIAS DE CARVALHO
RON PINHASI

DANIEL FERNANDES
YULIET QUINTINO ARIAS
NOÉ CONEJO DELGADO
CÉSAR OLIVEIRA

Tendo por base vários procedimentos científicos, tais como, a análise antropológica e arqueológica pormenorizada, a leitura do genoma a partir das análises de ADN antigo preservado e a datação pelo método de radiocarbono, a ilustração anatômica do rosto foi ganhando forma, revelando uma mulher entre os 35 e os 45 anos de idade, com cabelos claros e pele ligeiramente morena que, como a cronologia e proximidade sugerem, terá habitado a *Villa Romana* da Quinta da Bolacha em Época Romana Tardia.

A par deste trabalho, as arqueólogas do Município analisaram pormenorizadamente as peças encontradas junto do esqueleto, de forma a caracterizar o contexto cultural e social em que esta mulher viveu.

Projeto “Dar Rosto à Villa”

O projeto designado “Dar rosto à *Villa*” foi desenvolvido no âmbito do Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia “Povoamento em época romana na Amadora” (PERA) aprovado pela Direção-Geral do Património Cultural, que decorreu entre 2017 e 2021, com

o objetivo de aprofundar a investigação sobre os sítios arqueológicos de época romana existentes no Concelho, a sua divulgação e difusão junto do público (Encarnação e Dias, 2017; 2020c).

Ao abrigo deste projeto a equipa de arqueologia da Câmara Municipal da Amadora juntou-se a profissionais e a investigadores da mesma e de outras áreas de conhecimento científico para desenvolver escavações, estudos de espólio e faunas, datações e análises químicas, exposições e outras estratégias de fruição do património, onde se integra este trabalho de aproximação facial (Encarnação e Dias, 2020c, p. 1363-1364).

FIG. 1

À esquerda: vista geral da Sepultura 13 antes e depois da escavação. À direita: pormenor do espólio votivo e de adorno *in situ* (© Câmara Municipal da Amadora/Museu Municipal de Arqueologia).

A proposta de aproximação facial que aqui se apresenta decorre assim de um minucioso estudo multidisciplinar do crânio (no caso da análise bioarqueológica de todo o esqueleto) e subsequente dedução dos traços fisionómicos sugeridos pela sua morfologia externa. Esta análise revela-nos o rosto de um indivíduo cuja sepultura foi escavada na campanha de 2017 do sítio arqueológico do Moinho do Castelinho. Até à data, as escavações aí desenvolvidas revelaram uma extensa necrópole romana, utilizada entre o final do século II d.C. e o século V d.C. e onde foram já identificadas 42 sepulturas, sendo uma das mais extensas necrópoles do espaço rural situado nos subúrbios do Município Romano de *Olisipo*.

Devido à proximidade e à sua cronologia, este espaço funerário integraria a área da *villa* romana da Quinta da Bolacha, cujos vestígios estruturais se localizam nas proximidades, a sudoeste.

A Villa Romana da Quinta da Bolacha

A *Villa* Romana da Quinta da Bolacha está classificada como Sítio de Interesse Público desde 2012 e localiza-se na Amadora, concretamente na freguesia da Falagueira - Venda Nova. Foi descoberta no final da década de 70 do século XX, por António Gonzalez e João Cravo, e as campanhas de escavação realizadas até à data demonstram uma intensa ocupação deste espaço entre os finais do século III d.C. e o primeiro quartel do século VI d.C.

Os vestígios que hoje se conservam foram identificados no decorrer das intervenções de âmbito emergente realizadas esporadicamente entre 1997 e 2014 e mais recentemente, entre 2019 e 2020, ao abrigo do Projeto “Povoamento em época romana na Amadora”, colocando a descoberto várias estruturas que constituíram outrora *uma villa*, correspondendo, *de grosso modo*, a programas arquitetónicos existentes na *pars urbana* e na *pars*

rustica de uma grande propriedade rural romana (Encarnação, 2003; Encarnação e Dias, 2017; 2020c; Encarnação *et al.*, 2019; Quaresma *et al.*, no prelo; Miranda e Encarnação, 1998).

A cuidada escavação arqueológica realizada no setor I revelou dados que nos permitem identificar as várias fases de construção, remodelação, abandono e reocupação de uma área pertencente à *pars urbana* (Encarnação, 2003; Encarnação e Dias, 2017, 202c; Encarnação *et al.*, 2019; Quaresma *et al.*, no prelo; Miranda e Encarnação, 1998).

Apesar dos dados estratigráficos disponíveis remeterem para uma ocupação a partir do final do século III d.C., alguns fragmentos recolhidos nos contextos de aterro permitem supor uma data mais antiga para a construção deste espaço. Sabemos que nesta primeira fase o programa decorativo da casa incluiria mosaicos e paredes revestidas a estuque pintado, que nas fases de remodelação seguintes foram profundamente afetados e utilizados para enchimento e nivelamento do novo pavimento (Encarnação e Dias, 2017, p. 171-173; Encarnação *et al.*, 2019, p. 10; Quaresma *et al.*, no prelo).

Este novo período de ocupação, decorrido nos séculos IV/V d.C. caracteriza-se por uma mudança na tipologia do espaço. A grande sala é dividida, construindo-se uma nova parede interior de calcário aparelhado que subdivide o espaço, criando um corredor a este e uma sala que tem uma lareira associada, um tanque em *opus signinum* e várias estruturas hidráulicas, e que deverá corresponder a uma cozinha (Encarnação e Dias, 2017, p. 171-173; Encarnação *et al.*, 2019, p. 10; Quaresma *et al.*, no prelo).

A última fase de ocupação, em finais do século V/inícios do século VI d.C., ocorre já nos níveis de abandono da *villa*, mais concretamente sobre os derrubes da casa, onde se exumou um enterramento de um neonato sob uma telha (Encarnação e Dias, 2017, p. 173).

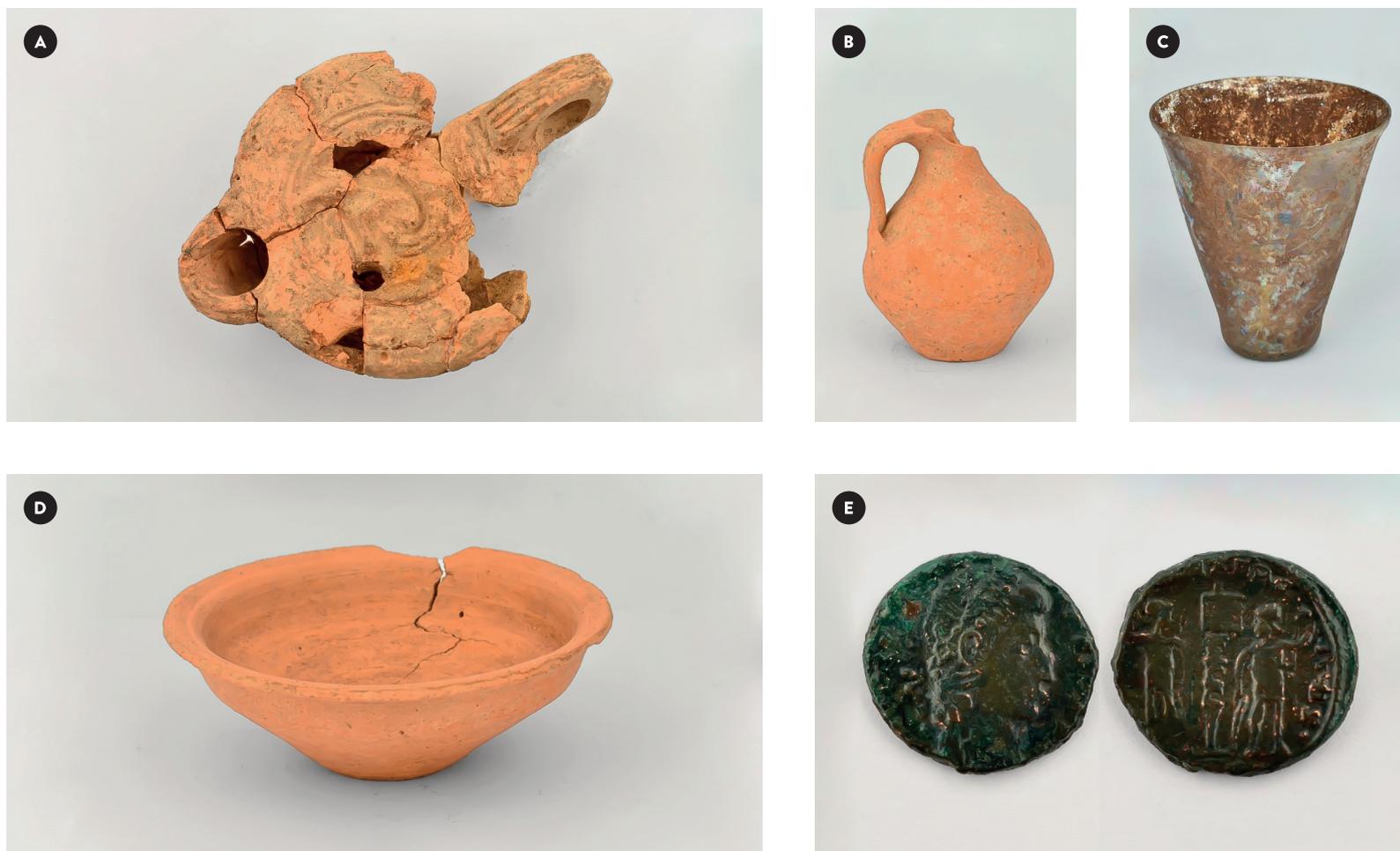


FIG. 2
Espólio recuperado no interior da sepultura: A – Lucerna decorada; B – Jarrinha; C – Candeia; D – Taça; E – Numisma (© Câmara Municipal da Amadora/Museu Municipal de Arqueologia).

A Necrópole Romana do Moinho do Castelinho

O sítio do Moinho do Castelinho foi identificado na década de 60 do século XX, por António dos Santos Coelho e no início dos anos 80 a ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, durante trabalhos de prospeção na área, recolheu vários fragmentos de cerâmica (Coelho, 1982, p. 22; Miranda *et al.*, 1999). Um corte realizado no limite sul da elevação em 2009, no decurso de uma obra de valorização urbana revelou a existência de contextos arqueológicos conservados no local, que a primeira campanha de escavação arqueológica em 2011 veio confirmar (Encarnação, 2012)

As escavações arqueológicas realizaram-se periodicamente, tendo decorrido a última no verão de 2020 (Encarnação, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016; Encarnação e Dias, 2015, 2018, 2020a, 2020b e 2021; Encarnação *et al.*, 2019). Os vestígios aí encontrados remetem-nos para várias épocas, desde a proto-história até ao período moderno. No entanto, as estruturas que atualmente se conservam no sítio comprovam uma intensa presença romana, permitindo distinguir duas fases de ocupação, a primeira de cariz habitacional, em Época Republicana/ Alto-Imperial, e a segunda, como espaço funerário, entre os meados do século III d.C. e o V d.C. (Encarnação, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016; Encarnação e Dias, 2015, 2017, 2018, 2020a,

2020b, 2020c e 2021; Encarnação *et al.*, 2016, 2019; Dias e Encarnação, no prelo).

Foram escavadas 38 sepulturas de um total de 42 identificadas, que correspondem a inumações no interior de estruturas negativas escavadas no substrato, com exceção de duas que correspondem a reaproveitamentos. A maioria possui uma cobertura composta por pedras de calcário e basalto ou simplesmente por lajes de calcário mais ou menos afeiçoadas, a configuração das estruturas negativas é simples ou estruturada, possuindo molduras laterais para assentamento das lajes de cobertura, com a exceção de um caso, em que a moldura e o fundo da sepultura são compostos por tijoleiras e argamassa (Encarnação e Dias, 2020c; Encarnação *et al.*, 2016; Dias e Encarnação, no prelo).

Sepultura 13

Estudo Arqueológico e Antropológico

O elevado grau de conservação de toda a estrutura funerária, cuja cobertura se encontrava intacta desde o momento em que foi realizado o ritual funerário na antiguidade, permitiu que a sua escavação fosse feita ao detalhe, recuperando-se um esqueleto com elevado grau de conservação/preservação e um conjunto de espólio votivo que posteriormente, através da leitura dos contextos, da análise antropológica do indivíduo e do estudo do referido espólio, se revelou de grande importância para a atribuição cronológica destes vestígios e a aferição das práticas funerárias.

A estrutura funerária

A sepultura 13 insere-se no Grupo D da tipologia de sepulturas que definimos na sequência da interpretação dos dados de escavação (Encarnação *et al.*, 2016, p. 23-24). Consiste

numa estrutura negativa escavada na rocha, no substrato basáltico, de forma subretangular e com orientação oeste-este (260°-80°), tendo a sua construção perturbado duas sepulturas mais antigas. As paredes são verticais e o seu fundo é plano, com uma pequena elevação em declive na cabeceira. Apresenta molduras laterais de ambos os lados, também escavadas na rocha, para assentamento de quatro lajes afeiçoadas, em calcário proveniente das proximidades do sítio, sendo que a da cabeceira apresenta uma forma quadrangular e as restantes três retangulares, com os pequenos intervalos entre elas a serem preenchidos com elementos pétreos de calcário de menores dimensões. Possui as seguintes dimensões: comprimento 195 cm, de largura 40 cm e 57 cm de profundidade, com as molduras a apresentarem uma largura de cerca de 35 cm (Encarnação, 2014, 2015; Encarnação e Dias, 2017; Encarnação *et al.*, 2016) (FIG. 1).

Práticas funerárias

O indivíduo encontrava-se em deposição primária, com a cabeça para oeste e os pés para este. O corpo estava colocado em decúbito dorsal, com os braços e pernas estendidos, com o tornozelo em rotação total à esquerda e o pulso direito encontrava-se sobre o cóccix em pronação e o esquerdo, também em pronação, ao lado do grande trocânter do fémur esquerdo (Encarnação e Dias, 2018, p. 12-13) (FIG. 1).

Em relação à colmatação do covacho onde foi depositado o esqueleto, as posições secundárias do crânio, das quatro primeiras vértebras cervicais e dos ossos das mãos e dos pés, sugerem fortemente que a decomposição ocorreu em espaço vazio ou semicolmatado. Refira-se que o crânio, encontrado em posição secundária sobre as costelas esquerdas, encontrar-se-ia originalmente elevado assentando sobre a mandíbula, ainda *in situ*

(Encarnação e Dias, 2018, p. 12-13) Apoiando esta afirmação, durante a escavação observou-se que uma das laterais da sepultura cedeu ao peso das lajes de calcário de cobertura, e que o derrube da mesma estava em contacto direto com os ossos da mão, que já não estavam em articulação, demonstrando que a esqueletização ocorreu em espaço vazio, ou com sedimento “solto” de modo a permitir a mobilização dos ossos durante o processo de decomposição (Granja *in* Encarnação e Dias, 2018, p. 12-13).

Ficou claro que o contexto de enchimento identificado nesta sepultura foi formado em momento posterior ao enterramento, correspondendo ao momento em que se colocou sedimento sobre as lajes de cobertura, colmatando o topo da estrutura, como se verifica em quase todas as sepulturas pertencentes à tipologia do Grupo D. No momento da escavação a sepultura encontrava-se preenchida com sedimento solto até ao topo.

O enterramento estava acompanhado por vários objetos de espólio votivo sobre os pés, um conjunto de numismas e um elemento de ferro que envolvia o úmero e que se identifica como elemento de adorno (FIG. 1).

○ espólio

Todo o espólio recuperado nesta sepultura é deveras interessante para um melhor conhecimento sobre o contexto e o ritual funerário praticado na pequena comunidade em que se insere. A presença de espólio funerário, quer votivo, quer de adorno, no interior das sepulturas da mesma tipologia e cronologia é recorrente, ainda que estejamos num momento tardio da presença romana neste território.

No que respeita ao mobiliário funerário de cariz votivo, exumaram-se cinco objetos de tipologia diversa. Uma tigela e uma pequena jarra em cerâmica comum, ambas apresentando fraturas antigas, estando

ausente na segunda grande parte do bordo, demonstrando uma reutilização destas peças que, provavelmente, teriam um uso quotidiano. Recuperou-se também uma lucerna de produção local/regional que possui afinidades com a forma Dressel-Lamboglia 30A, com uma cronologia de produção entre os séculos III e IV d.C. Apesar de muito fragmentada, a peça encontra-se praticamente completa, os vestígios de combustão sobre o bico são muito ténues e observa-se decoração vegetalista sobre a orla, e uma cena de *venatio* sobre o disco, com duas figuras zoomórficas, caçador e presa em movimento. Junto desta lucerna estava um atizador em liga de cobre e um pequeno cabo em osso de secção circular, que deveria pertencer a um objeto de toucador cuja porção perecível não se conservou (FIG. 2 A, B e D).

A peça mais interessante deste conjunto é uma candeia em vidro translúcido e liso, em forma de copo alto campanulado, com secção de espessura milimétrica, bordo ligeiramente inclinado para o exterior com aresta polida e base plana e ligeiramente onfalada, que demonstra grande cuidado no fabrico. A mesma encontra paralelos com a forma 106b de Isings cuja produção se baliza entre o final do segundo quartel do século IV e o início do V d.C. (Isings, 1957, p. 130-131; Rütli, 1991) (FIG. 2 C). Devido à dicotomia do uso desta peça como candeia/copo, foi retirada uma amostra do sedimento que se encontrava imediatamente sobre a base do seu interior e realizada uma análise cromatográfica para identificação de possíveis resíduos orgânicos conservados pelo Laboratório de Conservação e Restauro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A ausência de colesterol e a deteção de níveis elevados de oleamida e de oleanitrilo sugere o uso de óleos vegetais ricos em ácido oleico, muito provavelmente de azeite (Pecci e Cau-Ontiveros, 2010; Vaccaro *et al.*, 2013). Estes resultados, combinados com a morfologia da peça, cuja

largura da base demonstra que só teria total estabilidade quando colocada num suporte de material perecível como madeira ou osso, apoiam a teoria de se tratar de uma candeia, ou até mesmo de um perfumador, apesar de a análise não ter revelado a presença de espécies perfumadas ou aromáticas.

Sobre o espólio de adorno, recuperou-se um frágil objeto em ferro a envolver o úmero esquerdo que, apesar do mau estado de conservação, parece corresponder a uma pulseira/bracelete.

Ao lado do joelho direito identificou-se um conjunto de cinco moedas em liga de cobre, claramente deslocadas da sua posição original, uma vez que junto das mesmas e sobre o fémur se encontravam várias falanges da mão direita, havendo assim uma forte sugestão de os numismas terem sido colocados na mão do indivíduo aquando do enterramento (FIG. 2 E).

Tendo em conta a cronologia do restante espólio, as moedas são datadas da segunda metade do século IV d.C., apesar de a sua circulação poder considerar-se mais tardia, em torno das primeiras décadas do século V d.C. A peça mais antiga corresponde a uma AE4 do tipo *Gloria Exercitus*, emitida pelos filhos de Constantino, entre 336 e 342. Seguem-se três exemplares do tipo *Victoria DD Avg Q NN*, cunhados também pelos mesmos emissores entre 342 e 348 e, finaliza o grupo, um AE2 de Valentiniano II com o tipo *Reparatio Reipub*, cunhado entre 378 e 383.

As peças apresentam um elevado desgaste o que impediu a leitura dos centros emissores, no entanto, este facto dá-nos informação muito interessante que merece um comentário. Em primeiro lugar, fica demonstrado que estes exemplares formavam parte da massa monetária circulante no momento, caracterizada por um grupo heterogéneo de moedas cunhadas ao longo do século III e durante todo o século IV (Ripollès, 2012, p. 212; Conejo,

2019, p. 137-141). Na verdade, a escassa renovação que a moeda de bronze sofreu nestes territórios, durante as primeiras décadas do século V, serviu sobretudo para as transações de tipo quotidiano. O uso contínuo das moedas que se encontravam disponíveis, apesar de não terem valor legal, incrementou sem dúvida o seu desgaste, como comprovam os exemplares aqui encontrados. Em segundo lugar, o facto de estas peças formarem parte da moeda circulante mostra que o ritual de inumação dos familiares do defunto não seguia uma seleção cuidada e ideológica das moedas que iam depositar na sepultura, nem ao nível da moeda como objeto – não estamos perante peças que tinham sido retiradas previamente da circulação para este fim – nem ao nível do significado.

Embora existam tipos monetários repetidos, não há uma relação direta entre os três tipos, já que apresentam motivos muito diferentes entre si, impedindo assim um discurso iconográfico de carácter profilático, como pode ser a proteção dos deuses romanos ao estarem presentes no reverso, ou o próprio Cristo, já em época mais tardia, através dos crismones que aparecem em algumas moedas (Doyen, 2012).

O uso de moedas da massa circulante e o seu aparecimento na mão da defunta, pode relacionar-se diretamente com a crença tradicional de Caronte e do rio Aqueronte, na qual os defuntos tinham de pagar um “valor” para poder cruzá-lo e assim chegar à vida eterna.

É verdade que segundo este pensamento, os defuntos costumavam acompanhar-se de uma só moeda, depositando-a no interior da boca para evitar a sua perda, na altura do pagamento. No caso em questão encontram-se no interior da mão; um facto que nos sugere que a defunta já se encontrava preparada para este procedimento, tendo presente que deveria fazer o referido pagamento se queria concluir com sucesso o seu caminho. Contudo, porquê cinco exemplares e não

um, como manda a tradição? Provavelmente encontramos-nos perante uma equivalência de valor ligada a esta prática funerária que todos os usuários deveriam conhecer. Se as moedas utilizadas formavam um conjunto monetário composto por moedas muito heterogêneas, antigas, desgastadas e desmonetizadas, é muito provável que os familiares da defunta tivessem decidido reunir, de entre as moedas disponíveis, um número exato de exemplares para formar um valor ou peso específicos, assegurando-se assim que o barqueiro Caronte não impediria a defunta de cruzar o rio ao não pagar o preço estipulado. Assim, neste caso podemos considerar uma seleção de moedas para este fim; não de uma perspectiva ideológica, mas mais do ponto de vista económico para enfrentar uma transação comercial do mundo quotidiano destes indivíduos.

A análise do espólio permite-nos, assim, propor uma cronologia para a sepultura baliçada entre os finais do século IV d.C. e inícios do V d.C. corroborada pelos resultados da datação por radiocarbono de uma porção da ulna do esqueleto, realizada nos Laboratórios Beta Analytic: (89.1%) 321 - 428 cal AD (1629 - 1522 cal BP).

Avaliação dos indivíduos
com vista à aproximação facial

Com a finalidade de se proceder ao trabalho de aproximação facial de um indivíduo da necrópole romana do Moinho do Castelhinho procedeu-se à seriação de todos os indivíduos recuperados até à campanha de 2018 nesta necrópole, estabelecendo indicadores que revelaram os mais adequados e os menos adequados à digitalização 3D/aproximação facial do ponto de vista da antropologia física (Benazzi *et al.*, 2009; Bouwman *et al.*, 2008; Hayes, Sutikna e Morwood, 2013; Lee *et al.*, 2014; Mays *et al.*, 2011; Wilkinson e Naeve,

2003; Rose *et al.*, 2003; Rynn e Wilkinson, 2006; Simpson e Henneberg, 2002; Stephan, 2003, 2005; Stephan, Henneberg e Sampson, 2003).

Inicialmente, por motivos óbvios, excluíram-se todos os indivíduos com ausência de crânio. Excluíram-se também todos os não adultos. Dos indivíduos restantes criaram-se três graus de potencial para uso na aproximação facial baseados na completude do crânio, na sua possibilidade de simetria e na presença de ambos os maxilares (QUADRO 1): 1. Elevado potencial - aqueles que exibiam o crânio quase completo 2. Médio potencial - crânios quase completos, mas com algum grau de fragmentação 3. Baixo potencial - crânios completos com muita fragmentação.

Os crânios incompletos e muito fragmentados foram eliminados devido à pouca fiabilidade da sua colagem para o levantamento tridimensional. Após estudo minucioso do material selecionou-se o indivíduo 13 para a aproximação facial

QUADRO 1
Indivíduos provenientes da necrópole do Moinho do Castelhinho, por potencial de aproximação facial

Potencial	Nº de Indivíduo
Elevado	5, 13
Médio	2, 4, 6, 8, 9, 13, 17, 19, 22, 23, 25
Baixo	1, 10, 11, 16

Indivíduo da Sepultura 13

Metodologia

A estimativa da idade à morte foi efetuada através do estado de fusão das epífises (Cardoso, 2008a, 2008b; Ríos e Cardoso, 2009; Schaefer, Black e Scheuer, 2009; Cardoso e Severino, 2010; Cardoso e Ríos, 2011), da calcificação

e erupção dentárias (Ferembach, Schwidetzki e Stloukal, 1980; Smith, 1991), do comprimento das diáfises (Scheuer e Black, 2000), bem como das alterações degenerativas das superfícies articulares (Crubézy *et al.* (1985, in Cunha, 1994); Lovejoy *et al.*, 1985; Brooks e Suchey, 1990). Na diagnose sexual, utilizaram-se sempre que possível as características morfológicas do coxal (com a metodologia de Bruzek, 2002) ou, na sua ausência, o crânio (com a metodologia de Ferembach, Schwidetzki e Stloukal, 1980). Quando ambos os ossos não estavam presentes utilizaram-se os ossos longos e dos pés com a metodologia de Wasterlain (2000), para o úmero e para o fêmur, e a de Silva (1995) para o tálus e para o calcâneo.

Ao nível da análise métrica todos os ossos foram medidos de acordo com os princípios de White, Black e Folkens, (2012) com o objetivo de efetuar a determinação sexual métrica. O cálculo da estatura foi efetuado com base nas fórmulas desenvolvidas por Mendonça (2000).

Análise do indivíduo

Conclui-se tratar de um indivíduo adulto do sexo feminino com uma idade à morte entre 35 e 45 anos, sublinhe-se que as epífises esternais das clavículas estavam fundidas e os terceiros molares totalmente erupcionados. As sínfises púbicas e as superfícies auriculares enquadram-se na fase 4 de ambos os métodos o que se traduz numa idade entre os 26-70 anos no caso da sínfise púbica, cuja idade média é de 38.2 anos, e de 35 a 39 anos para o caso da superfície auricular. Relativamente ao sexo, tanto a morfologia do íliaco como o crânio indicam tratar-se de um indivíduo do sexo feminino. As alterações patológicas deste indivíduo resumem-me a patologias degenerativas articulares e não articulares moderadas e que estão de

acordo com o intervalo etário estimado. Detalhando um pouco mais a análise, constata-se a ausência de alterações em quase todo o esqueleto, à exceção do segmento torácico e lombar da coluna vertebral, onde se observa a presença de osteófitos (nas facetas costais, nas superfícies articulares posteriores, nos locais de inserção das enteses e no corpo do sacro), nódulos de Schmörl na porção inferior do segmento torácico, presença de uma faceta articular acessória (nas superfícies articulares póstero-inferiores direitas da sexta e sétima vértebras torácicas) e perda de altura do corpo da quinta vértebra lombar. Quanto às facetas costais os seus osteófitos são mais acentuados na metade inferior das torácicas, onde chegam a atingir os 3 mm. Será também na segunda metade deste segmento, onde as superfícies articulares posteriores e os ligamentos amarelos da coluna apresentam osteófitos, com um comprimento entre os 2-3 mm. Nas lombares, cerca de metade da periferia dos corpos não se preservaram, quando presentes não apresentam alterações, só as superfícies articulares posteriores é que apresentam osteófitos em duas vértebras com 2 a 3 mm. No geral as alterações de entese estão praticamente ausentes, quando presentes são muito ligeiras e encontram-se ligeiramente mais acentuadas no lado direito (Granja *in* Encarnação e Dias, 2018, p. 12-13).

A dentição está completa, com a erupção de todos os terceiros molares, e apresenta pouco desgaste. Estão ausentes as cáries dentárias, inflamação periapical e hipoplasias do esmalte dentário. O cálculo dentário está presente em todos os quadrantes e, na dentição anterior, estaria visível. As características mais marcantes da dentição serão um afastamento do tipo diastema nos incisivos centrais superiores, a presença de desgaste mediano e de cálculo dentário supra gengival (sobretudo na dentição anterior) (Hillson, 1996).

O indivíduo tem uma constituição relativamente robusta o que se encontra em



FIG. 3

À esquerda e à direita, em cima: crânio durante o processo de análise e remontagem para digitalização. À direita, em baixo: modelo 3D do crânio (© Yuliet Quintino Arias)

consonância com o observado nos restantes indivíduos da necrópole (Buiskra e Ubelaker, 1994). Em termos populacionais pode integrar-se no grupo com ascendência caucasiana (White, 2000). O crânio, tal como o restante esqueleto, não apresenta qualquer má formação/patologia. A ausência de cribra orbitália e hiperostose craniana parecem indiciar um indivíduo saudável e com acesso a uma alimentação proteica (presença de cálculo dentário) (Roberts e Manchester, 2007).

Digitalização 3D do Crânio

Com a digitalização 3D do crânio e da mandíbula do indivíduo da sepultura 13 obtivemos o modelo virtual que serviu de base à elaboração da aproximação facial 3D.

A digitalização teve lugar nas instalações do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, com recurso a um *scanner* de precisão (NextEngine, modelo 2020i). Este instrumento tem uma unidade para emissão de feixes de laser,

com câmaras CCD para a captação do feixe de luz refletido. Também apresenta uma base para o posicionamento da peça, que permite o movimento de rotação em relação ao eixo vertical. A base apresenta uma haste com dois suportes para fixar a peça. Este sistema é operado pelo programa ScanStudio HD.

O crânio e a mandíbula foram digitalizados em quatro partes, uma vez que a *pars petrosa* do lado esquerdo do crânio se encontrava fraturada e a mandíbula seccionada no centro, executando-se várias vistas por cada parte. Para realizar as digitalizações tridimensionais foram realizadas as seguintes etapas: (1) posicionar o objeto na base de posicionamento e ajustar o foco através da aproximação ou afastamento da base de posicionamento; (2) selecionar a configuração desejada para a digitalização; (3) digitalizar a peça no posicionamento inicial e modificar o posicionamento do corpo de prova para digitalizações em outras posições; (4) exportar o arquivo para o formato stl; (5) recortar regiões digitalizadas que não façam parte do objeto digitalizado e que atrapalhem o alinhamento da peça; (6) fazer o alinhamento das digitalizações; (7) usar a função “fuse” para transformar todas as digitalizações em uma única malha. Foi posteriormente construído um modelo HD de cada vista e finalmente o modelo 3D do crânio e da mandíbula em articulação (FIG. 3).

ADN Antigo

A análise genética teve lugar no Laboratório de ADN Antigo da Universidade de Viena, Áustria. O ADN foi extraído a partir de 50 mg de osso pulverizado originado no osso temporal (Pinhasi *et al.*, 2019), e sequenciado numa plataforma Illumina NovaSeq. Apesar da baixa qualidade de ADN típica de amostras antigas, 39% do total sequenciado teve origem humana, com níveis baixos de

contaminação (0.8 - 4.8%) e com elevada taxa de delaminação terminal (30%), confirmando a autenticidade e antiguidade do material genético.

Os resultados genéticos confirmaram o sexo feminino do indivíduo da sepultura 13, e demonstraram um perfil genético com similaridades com as populações pré-romanas da Península Ibérica, como por exemplo do Calcolítico e da Idade do Bronze, apesar de, potencialmente, poder existir alguma mistura com populações recentemente chegadas à Península (Olalde *et al.*, 2019).

Para providenciar detalhes genéticos de suporte à aproximação facial, foram analisadas 41 mutações com influência na pigmentação da pele, olhos e cabelo (Chaitanya *et al.*, 2018). Foi possível obter resultados para 33 destas que sugeriram uma pigmentação da pele intermédia, cabelo castanho claro ou loiro e olhos provavelmente azuis.

Aproximação facial

O processo de elaboração da aproximação facial do indivíduo da sepultura 13 iniciou-se com a medição direta no crânio de distâncias entre pontos craniométricos específicos. Os valores obtidos foram posteriormente aplicados em fórmulas desenvolvidas para a dedução dos diversos caracteres da face. Foram igualmente apontadas as estruturas em falta, assimetrias, desvios e características particulares da topografia da cabeça óssea, e estado da dentição.

O crânio virtual, resultante da sessão de digitalização 3D, foi reorientado segundo a Horizontal de Frankfurt. As estruturas em falta (osso temporal esquerdo; porção do parietal esquerdo; porção do occipital; arcada zigomática direita e esquerda) foram reparadas a partir dos seus homólogos, quando presentes. A mandíbula apresentava-se fraturada, tendo sido restaurada virtualmente

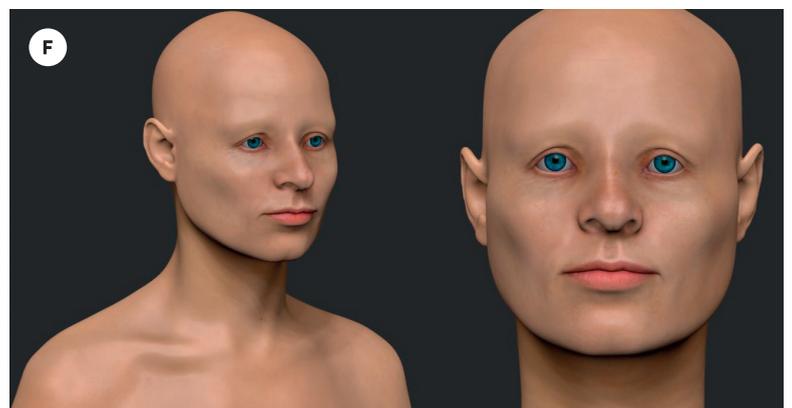
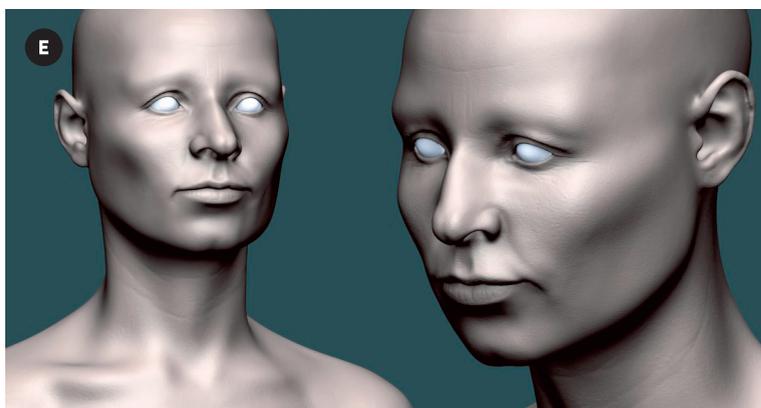
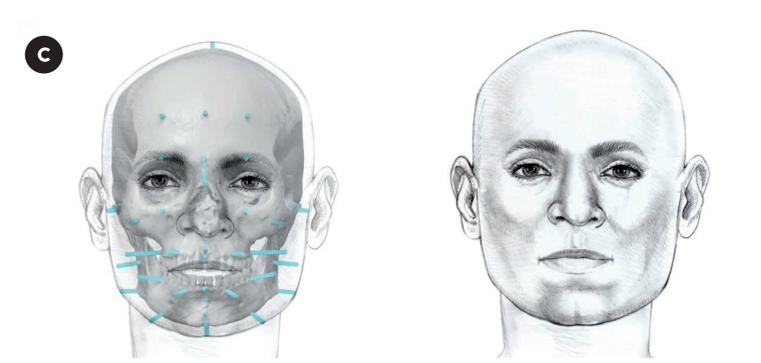
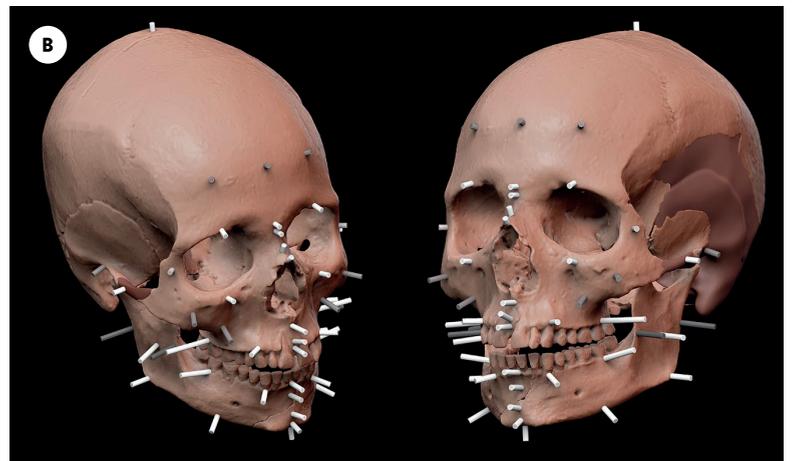
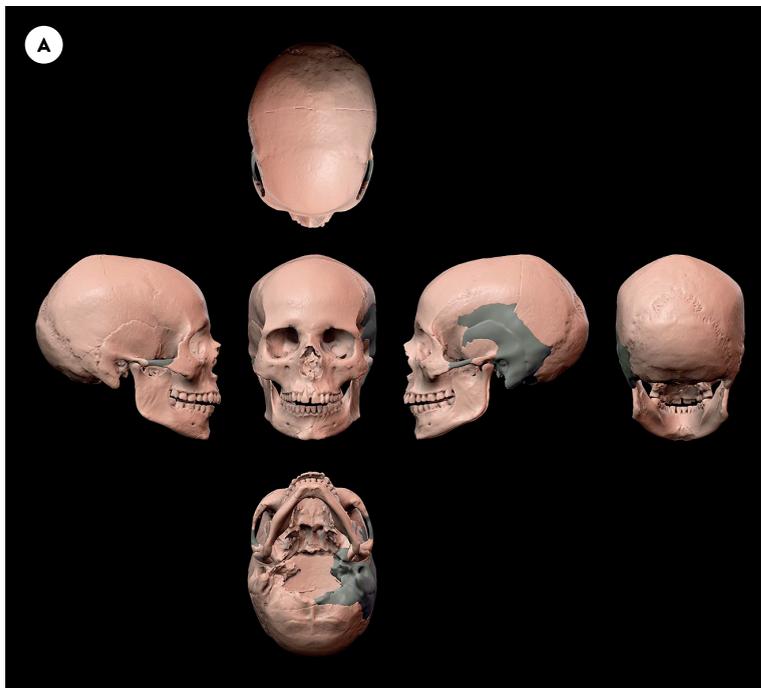


FIG. 4
 Várias fases do processo de aproximação facial: A – Crânio e mandíbula restaurados e montados; B – Marcadores de profundidade dos tecidos moles; C – Aproximação facial 2D; D – Músculos; E – Textura da pele; F – Cor de pele e olhos (© Filipe Franco).

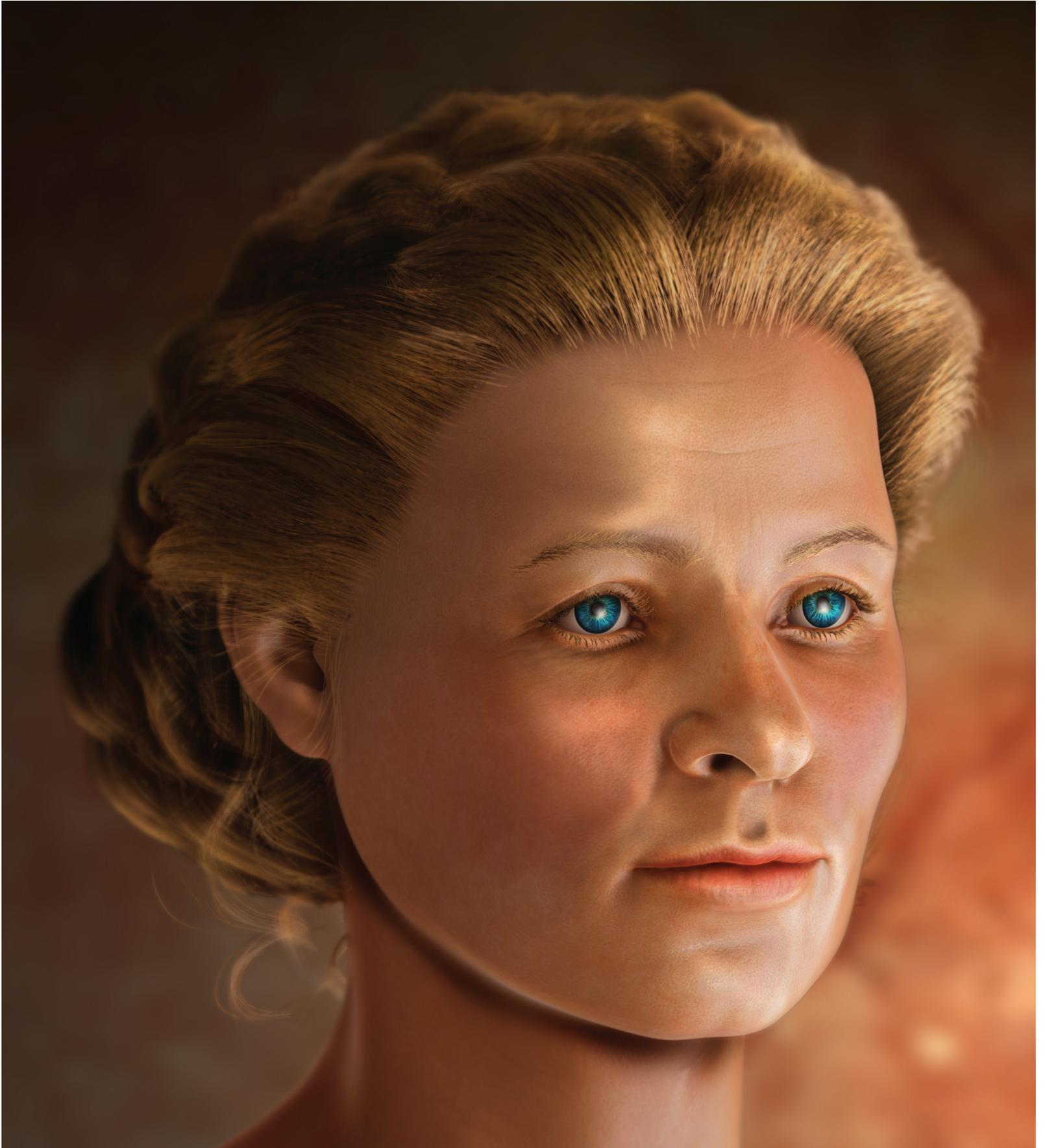


FIG. 5
Resultado final do processo de aproximação facial (© Filipe Franco).

através do reposicionamento dos seus fragmentos. A mandíbula virtual já restaurada foi montada no crânio, respeitando-se as posições anatómicas das articulações temporomandibulares e do espaço funcional livre entre arcadas.

Em pontos craniométricos específicos, foram aplicados marcadores de profundidade dos tecidos moles de acordo com tabelas respeitantes à população, idade e sexo indicados no perfil biológico do indivíduo (Codinha, 2009; Manhein *et al.*, 2000; Stephan, 2014). Após o posicionamento dos globos oculares nas órbitas (segundo a metodologia de Stephan *et al.*, 2009), foi aplicada a musculatura da cabeça (segundo descrições de Ewart *et al.*, 2005; Ferreira *et al.*, 1997; Freilinger *et al.*, 1987; Putz e Pabst, 1997; Shim *et al.*, 2008; Stephan, 2010; Stephan *et al.*, 2009) de acordo com o revelo ósseo e respeitando o nível de robustez dos pontos de origem e inserção dos respetivos músculos. Seguidamente foram exportadas duas imagens, em vista frontal e lateral direita, as quais serviram de base à elaboração de um estudo preliminar 2D da aproximação facial.

Numa primeira fase foi elaborada uma aproximação facial 2D, a qual serviu de estudo preliminar à aproximação facial 3D final. O estudo preliminar foi desenhado a grafite sobre papel vegetal. A transparência do suporte utilizado permitiu a visualização dos marcadores de profundidade dos tecidos moles, assim como dos glóbulos oculares e musculatura da cabeça. Esta abordagem metódica assegurou a redução da liberdade artística e especulativa, construindo-se um rosto concordante com a superfície craniana e com as regras anatómicas. Os caracteres faciais foram desenhados respeitando valores médios publicados e limites sugeridos após a aplicação das medidas, recolhidas diretamente no crânio, em fórmulas específicas que estabelecem correlações entre o substrato ósseo e a superfície

do rosto (Ashley-Montagu, 1939; George, 1987; Guyomarc'h e Stephan, 2012; Hoffman *et al.*, 1991; İşcan e Helmer, 1993; Krogman e Iscan, 1986; Rynn, Wilkinson e Peters, 2009; Sforza *et al.*, 2009; Stephan, Henneberg e Sampson, 2003; Stephan, Huang e Davidson, 2009).

A elaboração da aproximação facial 3D seguiu a mesma metodologia, princípios gerais, tabelas e fórmulas usadas no estudo preliminar 2D. Após terminada a modelação do rosto, procedeu-se à fase da caracterização do indivíduo no seu tempo histórico. A cor do cabelo, pele e olhos respeitou o resultado das análises de ADN. À pele foi adicionada textura para efeitos de realismo. Modelaram-se poros e rugas, espectáveis para um indivíduo dentro da faixa etária estimada, sujeito à exposição solar. O penteado adotado foi construído de acordo com referências escultóricas da mesma época do indivíduo da sepultura 13.

Considerações finais

O intuito do projeto “Dar Rosto à *Villa*” foi o de sobretudo aproximar a arqueologia do público, mostrando as potencialidades da informação que pode ser retirada dos vestígios arqueológicos e sensibilizando para a percepção das vivências do passado (Rosa, 2021, p. 70-73).

No final, um trabalho interdisciplinar de excelência, revelou resultados surpreendentes e aproximou-nos do rosto de uma mulher, entre os 35 e os 45 anos de idade, com cabelos claros e pele ligeiramente morena, que habitou a *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, e foi sepultada na necrópole do Moinho do Castelinho entre o final do século IV d.C. e inícios do V d.C.

Lista de Autores

ALEXANDRE GONÇALVES

Câmara Municipal de Sintra / Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.
UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
alexandre.MASMO@gmail.com

CÉSAR OLIVEIRA

Universidade de Évora / Laboratório HERCULES.
Universidade do Porto / Faculdade de Letras / Laboratório de Conservação e Restauro.
cjoliveira@letras.up.pt

CÉZER SANTOS

Câmara Municipal do Seixal / Gabinete de Projetos de Património - Ecomuseu Municipal do Seixal.
cezer.santos@cm-seixal.pt

CRISTINA NOZES

Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal da Cultura / Departamento de Património Cultural / CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa.
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

DANIEL FERNANDES

Universidade de Coimbra / Departamento de Ciência da Vida / CIAS – Centro de Investigação em Antropologia da Saúde.
University of Vienna / Department of Evolutionary Anthropology.
dani.mag.fernandes@gmail.com

FERNANDO ROBLES HENRIQUES

Câmara Municipal de Almada / Divisão de Museus e Património Cultural.
fhenriques@cma.m-almada.pt

FILIFE FRANCO

Universidade de Lisboa / Faculdade de Belas-Artes/ CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos de Belas Artes.
contact.filipefranco@gmail.com

FLORBELA ESTÊVÃO

Câmara Municipal de Loures / Divisão de Cultura - Unidade de Património e Museologia.
Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHC/ FCHS/ UNL).
florbela_estevao@cm-loures.pt

GISELA ENCARNAÇÃO

Câmara Municipal da Amadora / Departamento de Educação e Desenvolvimento Sociocultural / Divisão de Intervenção Cultural / Museu Municipal de Arqueologia.
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

GUILHERME CARDOSO

Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal da Cultura / Departamento de Património Cultural / CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa.
guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

ISABEL LUNA

Câmara Municipal de Torres Vedras / Divisão de Cultura, Património Cultural e Turismo / Museu Municipal Leonel Trindade.
isabelluna@cm-tvedras.pt

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Aberta.
Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) / Câmara Municipal de Oeiras.
joao.cardoso@cm-oeiras.pt

JORGE RAPOSO

Câmara Municipal do Seixal / Gabinete de Projetos de Património - Ecomuseu Municipal do Seixal.
Centro de Arqueologia de Almada.
jorge.raposo@cm-seixal.pt

JOSÉ LUÍS MONTEIRO

Direção Geral do Património Cultural / Departamento de Bens Culturais / Divisão de Inventariação, Estudos e Salvaguarda do Património Arqueológico.
jlmonteiro38@gmail.com

LILIANA MATIAS DE CARVALHO

Universidade de Coimbra / Departamento de Ciência da Vida / CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde.
liliana_m_carvalho@yahoo.com.br

LUÍSA BATALHA

Arqueóloga - Profissional Independente.
batalhaluisa5@gmail.com

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz, Egas Moniz, CRL, Portugal.

Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz, CiiEM, Egas Moniz, CRL, Portugal.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NOÉ CONEJO DELGADO

Universidad de Sevilla / Departamento de Prehistoria y Arqueología.

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

ccvdenoe@hotmail.com

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

RAQUEL GRANJA

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra.

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências FCSH/NOVA.

raagranja@gmail.com

RON PINHASI

University of Vienna / Department of Evolutionary Anthropology.

ron.pinhasi@univie.ac.at

VANESSA DIAS

Câmara Municipal da Amadora / Departamento de Educação e Desenvolvimento Sociocultural

/ Divisão de Intervenção Cultural / Museu Municipal de Arqueologia.

museu.arqueologia@cm-amadora.pt

VERA CARDOSO

Associação Cultural de Cascais.

veracc27@gmail.com

YULIETH QUINTINO ARIAS

Universidade de Lisboa / Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

julieth.quintino@gmail.com